

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesus

AD PHILIP. 3. 12.

ID. 13. 14.

SUMMARIO:—O *Manual da Pia União das Filhas de Maria*—Aprovação de S. Ex.^a Rev.^{ma} o Director Geral das Filhas de Maria.—Secção Religiosa: *O Espirito do Catholicismo*, por J. C. de Faria e Castro; *O beato João Gabriel Perboyre*.—Secção Scientifica: *Os principios catholicos perante a razão, XXII, Consequencias da reforma lutherana*, por D. Francisco Xavier Garcia Rodrigo.—Secção Historica: *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus, 11.º*, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—Secção Critica: *Os Jesuitas*, por A. Moreira Bello; *Allemanha*, por Dom Antonio d'Almeida; *Immortalidade d'alma d'um irracional*, por Albino Moreira de Sousa.—Secção Litteraria: *O Monge e a Trindade*, poesia, por Rangel de Quadros.—Secção Illustrada: *No Deserto; Carlos Magno*.—Secção Necrologica.—Retrospecto da Quinzena, por J. de Freitas.
Gravuras: *No Deserto; Carlos Magno*.

O MANUAL DA PIA UNIÃO DAS FILHAS DE MARIA

APPROVAÇÃO DE S. EX.^a R.^{ma} O DIRECTOR GERAL DAS FILHAS DE MARIA

Tendo nós submettido á approvação do Ex.^{mo} e R.^{mo} Snr. Director Geral das Pias Uniões das Filhas de Maria este precioso livrinho, que ha pouco editamos, recebemos de Roma, com o maior prazer, a desejada approvação e recommendação, da qual damos em seguida copia fiel, depois de cuidadosamente vertida em portuguez:

«São por nós tidas em maximo apreço todas as instituições, que miram a realizar com os maiores fructos e efficacia a direcção christã da juventude feminina.

Entre estas consideramos como principaes as Pias Associações das Filhas de Maria Immaculada, sob a protecção da Virgem Martyr Santa Iñez, as quaes profusamente espalhadas por todo o mundo tão fertes têm sido em fructos de salvação, principalmente obtidos pela commum observancia de certas regras, devidas ao zelo e trabalho do Reverendissimo Padre Alberto Passeri, de saudosa memoria, Abbade Vigario Geral dos Conegos Regulares Lateranenses, e primitivamente publicadas em italiano.

Egual satisfação, portanto, produz em nossa alma tudo quanto concorra para tornar estas mesmas regras cada vez mais conhecidas nos paizes estrangeiros. Pelo que, não podemos deixar de muito louvar o zelo do Reverendissimo Conego Doutor Annanias Correia do Amaral, que no seu—*Manual da Pia União das Filhas de Maria sob o patrocínio de Santa Iñez V. M.*—, composto em portuguez, expoz com brevidade, sem prejuizo da exactidão tudo que diz respeito á organização das Pias Uniões das Filhas de Maria, em perfeita harmonia com os estatutos, que em 1886 foram dados á Primaria Associação Romana.

Recommendamos, pois, tanto quanto em nós cabe, a obra do Reverendissimo Conego Correia do Amaral como utilissima a todos quantos usam a lingua lusitana, para poderem conhecer e bem dirigir as Pias Uniões das Filhas de Maria, que tambem nas longiquas regiões do Imperio Brasileiro, por fraterna emulação, vão crescendo em numero e piedade, (do que muito folgamos).

Assim Deus attenda benigno os nossos votos.

Roma, casas do Generalato em S. Pedro *ad Vincula*, aos 7 de julho de 1888.

Sello azul a tinta d'oleo.

(Assignado)

D. Luiz Santini, Abbade Geral dos Conegos Regulares Lateranenses.»

SECÇÃO RELIGIOSA

O Espirito do Catholicismo

Ordem e Liberdade

«Hoje fez-se a luz: quem não se guio a fé e o Papa, não pôde allegar por desculpa a ignorancia: focha os olhos para não ver.»

Augusto, Arcebispo de Perga,
Conductor d'Evora.



DE POIS E ENSINAE TODAS AS GENTES!

Palavra animosa! consequencia inexoravel! impulsão divina! que tem repellido todos os obstaculos diante do caminhar da Igreja Catholica Apostolica Romana, e que, agora mesmo, a faz ainda avançar no porvir, só, cheia de força e de magestade.

LHE POIS: isto é, embora irrealisavel que vos pareça a empresa de reformar o genero humano, e de o dominar para sempre pelo ascendente da verdade, vós principalmente que nada sois, que nada possuís, e a quem eu predisse toda a casta de perseguições, IDE! apoiados, levados sobre o braço do Todo Poderoso, INSTRUIR TODAS AS NAÇÕES, ENSINANDO-AS A OBSERVAR TODAS AS COUSAS QUE VOS TENHO MANDADO, E ESTAI CERTOS DE QUE EU ESTOU COM VOSCO TODOS OS DIAS, ATÉ Á CONSUMMAÇÃO DOS SECULOS...

É S. João no Capitulo XX v. 21 diz: ... *Pax vobis. Sic ut misit me pater, et ergo mitto vos: Paz seja convosco, Assim como o pae me enviou a mim, tambem eu vos enviô a vós.*

E a Igreja, desde esta impulsão, não cessou nunca de ir, e ELLA VAE, e ELLA IRÁ sempre; porque o mesmo poder que lhe disse: IDE, e que se tem verificado tão milagrosamente até aos nossos dias, lhe disse tambem: IDE... ATÉ Á CONSUMMAÇÃO DOS SECULOS.

* * *

A Igreja não ambiciona de modo nenhum o governo temporal das nações, a gloria do commando da milicia de terra e de mar, os erarios cheios de tributos, e os ricos dominios.

A sua ambição é muito mais elevada; a Igreja só aspira a conquista das almas para as preparar para a eterna Bemaventurança: sua obra que nenhuma ambição humana devia ousar disputar-lhe, é obra divina, a regeneração e a salvação das almas.

Esta aspiração natural do ensino catholico tem suas raizes em tres factos principaes do mundo moral:

1.º que a razão é incapaz para governar o individuo e a sociedade humana;

2.º que a mais cruel afflicção para os corações generosos é o achar-se privados da luz da fé;

3.º que a longa tradição da auctoridade do Catholicismo está justificada pela perfeição da doutrina christã.

Portanto, tudo o que a razão humana pôde e deve reclamar: regra moral no modo de proceder, resignação para os soffrimentos da vida, concurso fraternal entre todos os membros da sociedade, laço filial com Deus, esperanças infalliveis na vida futura, tudo isto, o dá a nossa adoravel e santa Igreja Catholica Apostolica Romana!—o Catholicismo!

Dando satisfação a todas as necessidades superiores da razão, o Catholicismo tem a palma (e teve-a sempre!) sobre todas as escolas, assim antigas como modernas!

Logo, em ultima analyse, o Catholicismo: é que é o Verdadeiro Progresso, o Verdadeiro Sustentaculo do Direito, a Verdadeira Cidadella da Justiça, a Verdadeira Escola da Caridade, e, enfim, o Defensor dos fracos, dos pobres e dos pequeninos!

* * *

Liberalismo!... Progresso!... Vans palavras nos tempos que passam! Realisação contraditoria, do que deve ser na realidade com os principios christãos!

Sempre tem havido frente a frente e em lueta duas theorias do progresso: uma, que é a professada pelos epicureos e os materialistas, dá por fim ao homem o prazer; como ella faz entrever ao individuo o paraizo sensual de Mahomet, ao cabo d'um caminho de flores, leva os povos a um inferno terreal por um caminho de sangue. Outra, que é a oriunda da inspiração christã: que põe o progresso no triumpho da razão, na victoria do espirito sobre a carne; ella não promete nada sem trabalho, sem lueta e sem esforço; e esta doutrina que força o individuo a guerrear todos os seus máus instinctos, os seus proprios appetites, é a unica que pôde dar a paz ás nações.

* * *

Para o corpo e para a alma não pôde haver senão duas profissões possiveis: a do fim ou do meio.

Ao passo que os materialistas só pensam no bem do corpo, a doutrina christã pensa sobretudo na nossa alma; ella crê no valor infinito da alma; ella quer dirigir e a instruir, para a salvar. Eis aqui está porque esta doutrina é a verdadeira escola do progresso; fóra d'este caminho não ha salvação.

* * *

Como a razão individual, como ao governo da sociedade, ao coração é de grande vantagem o caminho indicado pela Igreja.

A fé, n'uma ordem superior estabelecida por Deus, inspira o respeito, a gratidão, a resignação e a esperança.

Desde que o homem deixa de viver à sombra da inspiração d'esta crença, a desordem entra immediatamente para os espiritos e para os Estados.

Progresso!... Reformar para aviltar, não é um progresso, nem no Estado, nem no individuo!

Os factos de progresso impertinente, taes que tem feito a educação d'essa escola dita do *estado sem Deus*, que vam custando caro aos reis e aos povos, não podem denominar-se um progresso, e jamais a razão sentira mais necessidade d'uma força para disciplinar e purificar as nossas almas.

Esta força moral, Deus a dá á Igreja Catholica: pela auctoridade da sua doutrina moral, só, a religião christã pôde dissipar os nevoeiros que offuscam, actualmente o pensamento dos philosophos e o proceder dos politicos.

Uns e outros têm supposto resolver os problemas da liberdade, do progresso, do trabalho, da indigencia e do socialismo: elles têm todos avortado miseravelmente. Só para estas tremendas questões, á ordem do dia, tem o Catholicismo respostas decisivas.

Ao passo que o materialismo falsea a consciencia e regeita a liberdade como uma illusão, a fé, de accôrdo com a consciencia, aceita como as duas bases naturaes da vida moral a ordem e a liberdade: alliadas com a caridade christã, a ordem e a liberdade são a defesa dos Estados bem como dos individuos.

José Carlos de Faria e Castro.

O beato João Gabriel Perboyre (1)



Semana Catholica de Tolosa, publicava ha pouco tempo o seguinte, que muito nos compraz tornar conhecido de nossos leitores:

«Um acto importante acaba de realizar-se no Vaticano, a 12 do corrente. A Sagrada Congregação dos Ritos reunia-se alli, sob a presidencia do Soberano Pontifice, para dar o seu parecer sobre o *martyrio e milagres do veneravel servo de Deus, João Gabriel Perboyre, sacerdote da Congregação da*

(1) A vida d'este servo de Deus está publicada n'um volume, que custa 150 rs.

Missão, chamada dos Lazaristas, martyrisado na China a 11 de setembro de 1840.

Apesar do sigillo imposto aos membros da assembleia sobre o essencial da deliberação, em quanto o Papa não dá parte da sua decisão suprema, tudo deixa presentir o pensamento do chefe da Igreja. Elle proprio, se pôde dizer, levantou de algum modo uma das pontas do véo, revelando em parte as suas secretas intenções.

Em audiencia dada n'esse mesmo dia a bispos novamente consagrados, entre os quaes estava um prelado lazarista, Sua Santidade fallou da importante reunião a que ia assistir, dizendo-se feliz de ver em breve sobre os altares um padre que amava e de ha muito venerava; por que tendo habitado alguns dias, em 1846, na casa da Missão, no Monte-Cittorio, o superior mostrara-lhe o retrato do missionario havia pouco martyrisado, accrescentando que seus irmãos em religião esperavam muito vel-o um dia no catalogo dos Santos. «Desde então», disse Leão XIII, «de todo o coração desejei que chegasse a hora em que o heroe de tão bello martyrio fosse glorificado, e regosijo-me de ver chegado esse momento.»

O que o Soberano Pontífice tinha dito antes da reunião, dignou-se repetir, no essencial, ao fallar com o postulador da causa, em seguida à votação; reservando sempre a sua ultima palavra para o momento julgado opportuno, deu, comtudo, bem a perceber que era negocio assentado.

Podemos esperar d'este modo que um nome francez não tarde em ser accrescentado áquelles que, desde 15 de janeiro, se tornaram objecto de tão encarecidos louvores e de tão ardentes supplicas. Teremos, se Deus quizer, o beato Perboyre, em quanto esperamos pelo beato Chancel, outro martyr francez, sacerdote marista da Diocese de Belley, cuja causa vae muito adiantada.

O beato Perboyre será o primeiro martyr beatificado que a China tenha visto, e tambem o primeiro lazarista que recebe a aureola da santidade depois de S. Vicente de Paulo, seu santo fundador. Este triumpho de um dos filhos, dá muita occasião de notar a confusão que se faz communmente entre duas Congregações votadas em parte ás mesmas obras: a sociedade das missões estrangeiras, que conta um consideravel numero de martyres, se bem que não proclamados taes; o seu fim exclusivo é o apostolado das nações infleis; os seus padres consagram-se a isso sem o vinculo dos votos religiosos; e ao lado d'esta bella familia estão os filhos de S. Vicente de Paulo, cujas missões exteriores se acham um pouco por toda a parte; no Oriente, na China,

onde tem 6 vicariatos, na Persia, na Abyssinia, sobretudo nas duas Americacas. E, além d'isso, estes ultimos religiosos, unidos por votos perpetuos, estão encarregados em França, na Italia, na Hespanha, na Austria e nas ilhas Britannicas, do duplo ministerio das missões e da direcção de muitos seminarios de 1.ª e 2.ª ordem.

Taes são as diversas occupações a que os chamam as Constituições dadas pelo seu Santo Instituidor no intuito de uma santificação sem exterioridade.

João Gabriel Perboyre, pertence pelo berço, ao sul da França. Nasceu na Diocese de Cahors. A sua familia, familia de modestos lavradores, continua a dar em Montgesty, perto de Cattus, o exemplo de virtudes hereditarias. Dous irmãos do futuro beatificado, tinham-n'o acompanhado a S. Lázaro; tres irmãs entraram para as Irmãs da Caridade. Duas d'estas estão com vida e lleis ás suas vocações; uma em Napolles, a outra no paiz que o Martyr tingiu do seu sangue. Um só dos irmãos vive ainda. Acha-se na casa-mãe, na rua de Sevres, em Paris. Ahi, como todos bem podem crêr, espera com devoção estremecida, o dia em que, depois de celebrar o santo sacrificio em honra do intrepido apostolo, só lhe reste suspirar pelo momento de se reunir com elle na Patria.»

SECÇÃO SCIENTIFICA

Os principios catholicos perante a razão

(Continuado do n.º 18)

XXII

Consequencias da reforma lutherana

Augmento da auctoridade despotica dos principes em perjuizo das liberdades populares.—Adulações de Bucero e dos doutores protestantes.—Os principes arvorados em auctoridade ecclesiastica, legislando em disciplina, etc.—Distribuição feita por Lutero dos bens das egrejas e conventos.—Os principes espoliaram-se de tudo.—Queixas dos ministros protestantes.—Excessos do povo.—A desamortização ecclesiastica desenvolve o pauperismo.—Os principes allemães protegeram a reforma pela sua incontinencia, cobiça e ambição.—Moral relaxada da seita protestante.—Os artifices, ministros improvisados da nova igreja, sustentam erros gravissimos.—Divisões da seita.—Colera de Lutero.—Os dissidentes reúnem-se em Augsburgo.—Rothman.

O ESTADO politico da Europa, profundamente agitada pela eleição do imperador, favoreceu sobre maneira o desenvolvimento d'uma perfida heresia, cujos dogmas e moral tanto se accommodam á debil condição humana, ensinando que o homem consegue justificar-se das suas culpas, sem necessi-

dade de actos satisfatorios nem d'outras meios que a fe despojava das obras (1).

Com a ruina da hierarchia ecclesiastica e sacrificando as liberdades publicas, esperavam certos principes seculares da Allemanha accrescentar as suas riquezas e a sua regia auctoridade: e não fallharam tão interesseiros planos, nem terá como parcial este juizo critico quem ler os escriptos protestantes daquelle tempo, e as baixas adulações de Bucero concedendo a auctoridade secular o direito de intervir nas consciencias e de exterminar no mundo quantos rejeitem a reforma.

Os doutores da nova igreja constituiram o Landgrave de Hesse como juiz em assumptos religiosos, aconselhando-o a que prohibisse a pregação aos ministros inimigos da sua escola; e este homem viciosissimo, apesar dos seus costumes dissolutos, ficou constituido em auctoridade ecclesiastica com jurisdicção que elle aproveitava para organizar o culto ao seu irracional taute, prohibindo entre outras ceremonias a elevação do calix no sancto sacrificio da Missa.

Gozaram da mesmas prerogativas todos os principes incorporados a igreja protestante; e assim os vemos na paz de Westfalia reservarem-se o direito de reforma em assumptos espirituales como uma das attribuições privativas.

A reforma, pois, não emancipou o povo da dependencia caritativa da Igreja senão para o escravizar horrivelmente submettendo-o no seu fóro interno ao excessivo despotismo da auctoridade civil.

A suave jurisdicção do Pontífice Romano foi substituida pelas disposições arbitrarías d'uns seniores absolutos, que vendo o seu poder robustecido com faculdades ecclesiasticas, poderam estalar impunemente o latego nas carnes do paizano, ao qual a reforma privara da protecção e amparo que o clero catholico lhe dispensara.

(1) No livro da *Liberdade christã* defende Lutero a justificação sem as obras, a incompatibilidade da fé e das obras, a sujeição do homem ao demonio e a sua encarnação no peccado, porque a creatura pecca quando ora, contempla, reza, se arrepende e dá esmola... pois tudo no homem é culpa e peccado, sendo impotente para praticar o bem.

E desenvolve esta doutrina impia no seu livro *Do Captiveiro da Igreja em Babilonia*, dizendo que o arrependimento das culpas, a confissão e reparação d'ellas são invenções humanas, que farão perder a ventura ao que, fiado n'ellas, deixar perder a sua fé, e accrescenta... «Ita vides quam dives sit homo christianus; etiam volens non potest perdere salutem tuam quantescumque peccatis, nisi nolit credere. Nulla enim peccata eum possunt damnare nisi incredulitas.» (*De Capt. Bab.*, t. II, p. 289.)

Repetidos attentados commetteram aquelles homens inconsiderados e violentos contra a liberdade humana atropelando as consciencias e o direito, e a tyrannia dos quaes fomentavam os aduladores escriptos de Luthero, Bucero e Melanchton. Nas suas obras achamos elogios ao despotismo, a apothese da tyrannia, e estabelecida como principio a repugnante escravidão. Debalde Erasmo protestava contra o novo e desconhecido absolutismo, e contra aquella jurisdicção ecclesiastica exer-

tiu] tanta baixeza e servilismo senão n'aquelles cobardes ministros reformados, que buscavam o seu medrio e segurança pelo caminho das humilhações e das miserias.

A riqueza dos mosteiros foi outro engodo com que se tentou o sordido interesse d'uns principes avarentos, aos quaes seduziu a promessa de lhes ser cedida a maior parte do saque, ficando o resto, e os vinhos, os cereaes e os metaes preciosos reservados para os predicantes evangelicos, não esquecen-

do não pôde conter-se, e atreveu-se a escrever que os principes protectores da egreja reformada não buscavam a verdade christã, nem a moralização dos costumes, «senão os mesquinhos interesses d'este mundo. . . . Os bons dos principes arrecadam em seu favor os thesouros dos mosteiros, e guardam religiosamente as joias dos templos.»

Vendo o povo irritado que se defraudava d'este modo o seu desejo dos despojos, arrojou-se sobre os templos roubando quanto pôde: queimaram as bi-



NO DESERTO

cida por principes seculares entre os latidos dos seus cães, o piaffé dos seus cavallos, nas desordens dos seus festins ou entre as lisonjas de aduladores e de amasias.

Nem podia exercer-se de outro modo uma auctoridade à qual Bucero tirou o freio, ensinando que o Senhor tem o direito de castigar com pena capital a esposa, os filhos e o rebanho do culpado, sustentando que o monarcha pode extinguir a vida a quem permanecer no erro, e que o subdito está obrigado a obedecer a tudo quanto lhe seja mandado pelo seu Rei, ainda que seja inimigo de Deus e da Egreja. . .

Não crêmos se possa exagerar mais a adulação, por muito que o cortezão se degrade diante do poder d'um tyranno soberbo e orgulhoso: nunca exis-

do os mestres de instrucção primaria, agentes efficazes da seita, e para que a sequestração tivesse um caracter obrigado de philantropico, offereceu-se um quinhão aos anciãos e enfermos indigentes.

O regulamento de Luthero, porém, não deixou saciada a cubiça dos seus protectores, e particularmente do Landgrave de Hesse, que julgou mais comodo e simples fazel-o d'outro modo, apoderando-se de quantos bens moveis e immoveis pertenciam às egrejas e mosteiros do seu estado, sem se importar com a colera nem com as murmurações do iracundo apostata: procedimento que imitaram os demais senhores.

Burlada d'este modo a esperança dos ministros protestantes, Melanchton

alimento e vestuario para matar a fome bibliothecas com preciosos codices, deslatarem estatuas e pinturas, e até as mais bellissimas vidraças de côres foram partidas às pedradas. Luthero clamava contra aquella desordem geral (obra sua), e pedia justiça aos seus patronos, que só contiveram a pilhagem para se fazerem donos de tão ricos despojos e presas.

Com a abolição do catholicismo desapareceram os seus magnificos estabelecimentos de beneficencia e os inscriptos litterarios creados para o povo; e desapareceu igualmente a caridade privada que os catholicos exercem com admiravel profusão.

Extinguiram-se as corporações regulares, ficando fechadas essas beneficencias hospedarias em que o desvalido achava

e cobrir a nudez, e cessaram as distribuições de cereaes que em annos este-reis fazia o mosteiro aos pobres lavra-dores. Não ficou ao povo faminto outro recurso que o de mendigar pelas por-tas dos palacios e castellos em busca do pão ás vezes disputado pelos cães.

Na Allemanha, como depois na Ingla-terra, França, Hespanha e mais paizes que perderam os institutos regulares, observa-se dolorosamente que os bens d'esses institutos accrescentaram a ri-queza dos poderosos, ao passo que o povo vê augmentada a sua indi-gencia.

E' indubitavel que a extincção do monachismo e a desamortização das propriedades ecclesiasticas, privando a classe pobre de arrendamentos econo-micos e de outros recursos importantes que nos mosteiros encontrava, desen-volveu o pauperismo, praga terrivel que ameaça destruir a moderna socie-dade; praga devida unicamente á refor-ma religiosa que Luthero inventou em beneficio exclusivo das classes ricas; praga destruidora que a nação ingleza não tem podido extinguir apesar dos seus economistas e dos grandes pro-gressos na mechanica e no commercio, nas artes e na industria, e dos enormes tributos creados para o seu indispensa-vel e peremptorio allivio.

Dissemos que a cobiga foi um dos meios efficazes empregados sagazmente por Luthero com o proposito de divul-gar na Allemanha a sua reforma, deve-mos accrescentar que razões de ambição e de incontinencia lhe proporcionaram poderoso apoio.

(Continua)

D. Francisco Xavier Garcia Rodrigo.

SECÇÃO HISTORICA


Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

14.º

(Continuado do n.º anterior)

XXIV

P. Adão Tanner

 ASCEU em Inspruck (Allemanha) no anno de 1572, e, entrando na Companhia de Jesus, distinguiu-se entre os seus confrades por sua sciencia e conhecimento das linguas sa-bias; pois sabia perfeitamente o grego, o hebraico e o latim.

Este jesuita ensinou theologia em Ingolstadt e em Vienna de Austria e gosou de tanta auctoridade pela sua erudição e virtude, que o imperador Fernando II o nomeou chanceller da

Universidade de Praga. Os mesmos ini-migos da Companhia o veneravam e reputavam um dos religiosos que hon-ravam a sua Ordem, porque a defendia com os seus escriptos e com o seu exemplo.

Elle escreveu, entre outras obras de merecimento, um Tratado de theologia e uma Apologia da Ordem de Santo Ignacio. Como theologo é um dos au-ctores classicos da sua Congregação, commumente citado por todos os mo-ralistas.

Falleceu a 25 de maio de 1632.

Por ultimo faremos notar que ha um outro jesuita, do mesmo appellido, me-nos conhecido, mas que tambem se fez notavel por duas obras historicas, com relação aos jesuitas: chama-se Mathias Tanner. Nasceu na Bohemia, e viveu nos fins do seculo XVII.

Comtudo o P. Adão Tanner, de quem acabamos de fallar, é o que teve gran-de reputação nas escholas de Theolo-gia.

XXV

P. Melchior Inchofer

Não podemos omitir n'este catalogo o nome do jesuita Melchior Inchofer, que se tornou notavel por uma obra geralmente a elle attribuida pelos ini-migos da Companhia de Jesus. E' o uni-co jesuita que Pedro Barral, famoso jansenista, elogia no seu *Diccionario Historico* como homem de bom coração. E assim tambem todos os inimigos da Ordem de Santo Ignacio celebram a sua sciencia e virtude.

A rasão de taes elogios não é outra senão a obra que lhe attribuem, e de que logo faremos especial menção; obra que os inimigos da Companhia conside-raram favoravel á sua causa.

De resto, nós concordamos com elles emquanto ás qualidades que adornaram o espirito e o coração do jesuita Inchofer: foi, effectivamente, um homem sa-bio e virtuoso, e por isso digno de fi-gurar na presente galeria.

Melchior Inchofer nasceu em Vienna d'Austria, no anno de 1584. Antes de entrar na Companhia exerceu a juris-prudencia, em que foi peritissimo. Fez a sua profissão religiosa em Roma, em 1607, tendo 23 annos de idade. Na cidade de Messina, e no collegio da sua Ordem, ensinou por muitos annos phi-losophia, theologia dogmatica e moral e mathematicas, com grande fama de doutrina.

Morreu em Milão a 28 de setembro de 1648, deixando varias obras que lhe dão muita honra: versam sobre ma-thematica, astronomia, poesia e histo-ria.

Fallemos agora da obra que lhe tem

sido attribuida pelos inimigos da Com-panhia de Jesus: é o livro intitulado *Monarchia dos Solipsos*, publicado a primeira vez em Veneza, no anno de 1645, na lingua latina, e que depois tem sido traduzido em varias linguas. O auctor d'este tratado tomou o pseu-donymo de Lucio Cornelio Europeu.

Quasi toda a gente considera este li-vro, escripto sob a forma d'uma alle-goria, como uma satyra contra a Com-panhia de Jesus; com o nome de *Soli-psos* são combatidos os jesuitas.

Comtudo, ainda que assim seja, a coisa não é tão clara e evidente, que não possa ser contestada. Pedro Res-taut, acerrimo jansenista, que annotou esta obra, diz que o seu auctor phan-tasia muitas vezes, a fim de melhor se esconder.

Seja, porém, como fôr, nunca se pô-de saber com certeza quem é o auctor da *Monarchia dos Solipsos*, e hoje os criticos mais sensatos sustentam com bons fundamentos que não sahio da penna do P. Melchior Inchofer.

Quando se publicou a primeira edi-ção sob o pseudonymo de Lucio Cor-nelio Europeu, houve quem attribuisse esta obra a Gaspar Scioppio, declarado inimigo dos jesuitas, e que effectiva-mente escreveu contra elles varios li-bellos. Outros querem que seja produ-ção de Contareni, cavalheiro de Veneza. E finalmente dizem outros, e é a opinião commum, que é de Julio Clemente Scotti, ex-jesuita.

Ouçá-se agora o que se lê no famoso *Extracto de Asserções*, compilação impia e calumniosa, escripta em 1763 contra os jesuitas:

«Melchior Inchofer, jesuita, tendo sido designado como auctor do livro intitulado *Monarchia dos Solipsos*, foi arrebatado de Roma, e sómente os rogos do Papa lhe poderam restituir a liberdade. O Padre Scotti, verdadeiro auctor do livro, escapou com difficul-dade ao punhal e ao veneno.»

Não é isto mais que um tecido de falsidades, de que está cheio aquelle famoso libello. Luiz Bourgeois, conego de Verdun, jansenista, foi o primeiro que referiu a historietta do arrebatamento de Inchofer, depois da morte d'este sabio jesuita. Foi refutado por João Pedro Niceron nas suas *Memorias dos Homens Illustres*. Niceron pertencia á Ordem dos barnabitas. Scotti, que se julga ser o auctor do livro (mas não com certeza), tinha abandonado a Com-panhia de Jesus, mas nunca foi perse-guido.

Emquanto ao jesuita Melchior Inchofer, viveu e morreu na Ordem, estima-do e amado de todos.

Amigos e inimigos dos jesuitas, to-dos concordam em dizer que o P. Mel-chior Inchofer foi um homem doutissi-

mo, de memoria prodigiosa, de juizo claro e penetrante, e d'um espirito recto e sincero.

(Continua).

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

SECÇÃO CRITICA

Os Jesuitas

QUANDO, apenas sahido dos bancos da eschola primaria, encetamos o curso d'instrucção secundaria n'um lyceu nacional, distrahiámos o espirito, nas horas que nos deixavam vagas os estudos, lendo os dramas e comedias que podiamos obter. Podia ser um pasatempo inoffensivo, e assim o julgavamos; mas, por desgraça, não raro as serpentes se occultam entre as flores.

Veio-nos um dia á mão uma d'aquellas peças cujo assumpto, se bem nos recordamos, era a gloriosa restauração da nossa independencia em 1640. Alli, de envolta com ardentes sentimentos patrioticos, figurava um *jesuita*, typo revestido de todos os caracteres da maldade, da traição, do odio á nacionalidade portugueza, personagem, n'uma palavra, adrede e habilmente introduzido para excitar abominação e rancor não só ao individuo, senão também á Sociedade a que pertencia.

Lemos, e innocentemente absorvemos o veneno. Tivemos porem, mercê de Deus, quem esclarecesse a nossa inexperiencia e nos abrisse os olhos á verdade. Com outras leituras sãs e solidas, dissiparam-se-nos aquellas erradas prevenções, e, com o correr dos annos e com estudos mais detidos e profundos, adquirimos a firme convicção de que a guerra que ha longos annos se faz á Companhia de Jesus é não só perfida e irracional, senão monstruosa e impia.

Mas quantos e quantos, havendo tragado o toxico em muito maiores doses, jamais poderam ou quizeram oppor-lhe o antidoto! Lamentamos do coração os primeiros, porque são victimas da malicia alheia; achamos injustificaveis os segundos, porque voluntariamente cerram os olhos á luz, por mais que se inculquem e proclamem amigos entusiasticos d'ella.

Temos encontrado d'estes a cada passo, porque a raça dos cegos voluntarios e obstinados abunda; e nas disputas que, como catholico, frequentemente hemos sustentado com alguns d'elles, se os não temos convencido por serem rebeldes á propria evidencia, temos tido o prazer de vencel-os: e não nos gloriamos d'isso, porque a victoria não nos coube a nós, senão á verdade.

Seja-nos licito a este proposito citar um exemplo.

N'uma roda de individuos de que faziamos parte, cahiu a conversação sobre a *intolerancia* da Igreja catholica e sobre a *crueldade* do Santo Officio; e um dos do grupo, a fim de provar esta, citou o *facto* de Galileu, queimado pelas fogueiras da inquisição.—Peço perdão, mas nego, acudimos.—Insistindo na sua affirmativa o nosso interlocutor, reptamol-o a que nos apresentasse um auctor, embora adverso ao catholicismo, porem *verdadeiro*, que confirmasse a sua opinião. O dono da casa possuia o insuspeitissimo Larousse, que foi consultado, e o nosso adversario teve o dissabor de ver o seu asserto desmentido por um escriptor não clerical, reaccionario ou jesuitico, como chamam aos catholicos sem distincção. Não cremos, todavia, que a lição lhe aproveitasse.

Nem também acabamos de crer que aquelles que *podem* estudar convenientemente a questão dos Jesuitas, não unicamente nos auctores que os atacam e caluniam, mas também nos que os defendem e justificam, guerreiem a Sociedade de boa fé. Quer pertinazmente se neguem a manusear estes ultimos, quer, havendo-os manuseado, recusem render-se á evidencia das suas provas e argumentos, e em ambos os casos continuem a guerra acintosa, implacavel e ardilosa, a sua má fé é sempre manifesta.

O inferno constante e tenazmente investe e combate quanto é bom e santo; e assim é que a guerra vil e sem treguas que desde o seu inicio tem soffrido a Companhia, da parte de todas as seitas anti-catholicas, desde o protestantismo até á revolução sua filha legitima, é a prova mais peremptoria da sua excellencia e grandeza como corporação catholica. A guerra, pois, não é senão ostensivamente á Sociedade, mas verdadeiramente ao Catholicismo, do qual aquella sempre foi admiravel defensora e propagadora, oppondo ás *negações* do protestantismo as *afirmações* da fé, e ás doutrinas *dissolventes* da revolução os principios *tutelares* da ordem social.

Nem já o occultam os seus inimigos, pois que, consciente ou inconscientemente, em livros, jornaes e comicios, de mistura com furibundos ataques á benemerentissima Companhia, não pouparam outros não menos odientos a tudo quanto constitue a essencia do Catholicismo, ou antes do verdadeiro Christianismo.

Já se fez notar que as duas nações, ou melhor os dois governos que mais cruamente hostilizaram a Sociedade de Jesus, arrastando outros após de si e conseguindo por meios torpes e amea-

ças terriveis o breve de extincção, se basearam em motivos diametralmente oppostos: em França expulsaram-se os Jesuitas por cumprirem escrupulosamente o seu *pessimo* instituto, em Portugal por se afastarem escandalosamente do seu *santo* instituto! Onde estava a verdade? Evidentemente nem n'uma nem n'outra parte.

Depois de quanto se tem escripto pró e contra os Jesuitas, e depois do seu restabelecimento justo e honroso pela Santa Sé, a opinião dos catholicos está formada, e não é nem póde ser desfavoravel á Companhia; porem o espirito de seita é impenitente, e assim é que ainda hoje se repetem contra aquella todas as accusações e calumnias mil vezes e radicalmente refutadas e confundidas, adicionando-se-lhes quantas o odio e a maldade suggere por todas as partes aos descrentes e livres-pensadores.

D'est'arte, os que se dizem amantes da verdade, persistem no erro, e, fingindo querer *orientar* a opinião publica, cada vez mais a *desorientam*. Deploramos profundamente que assim iludam e extraviem o povo rude e ignorante, que póde ver n'elles apostolos de luz quando o são de trevas; e se entre esses ha alguns de boa fé,—o que, repetimos, nos custa a crer,—aconselhamol-os e pedimos-lhes que estudem convenientemente a questão, recorrendo a fontes puras e sinceras, e fiamos que assim a verdade lhes ha de illuminar as intelligencias, como, após outros muitos, illuminou a do hoje convertido Leo Taxil.

A. Moreira Bello.

Allemanha

JUNTAMOS aqui algumas circumstancias, ou a narração de ellas, da doença e morte do Imperador Frederico III, ultimamente fallecido, e passadas depois. Na doença, escrevendo, por não poder fallar, a seu filho Henrique, dizia-lhe: «Aprende a soffrer sem te queixares.» Junto do leito e no momento de morrer era rodeado da Imperatriz e de todos os seus, e n'aquelle pessoal ainda mais immenso se comprehendia Soror Edvige, Irmã de caridade do Instituto de S. Carlos Borromeu, e no seculo Princeza Radziwil. Seu cadaver foi sepultado (sendo as exequias relativamente modestas segundo a propria determinação do Imperador) foi sepultado, repetimos, na *Friedenskirche* (Igreja da Paz) edificada por Frederico Guilherme IV, tendo servido de modelo a de S. Clemente em Roma. O can-

cro foi a sua doença mortal, tendo havido antes o parecer que a *operação* poderia ser feita, ficando apenas o augusto paciente com a perda da sonoridade da sua voz.

E' conhecido de todos o que se tem seguido depois, e tambem só actualmente se sabe das opiniões contrarias sobre a subida ou não subida ao throno de Frederico III, visto seu estado morbido. Imperou 100 dias, e foi proclamado Imperador de modo mais ou menos resolutivo, visto o estado não concordante de animos. Na *imprensa* houve quem ameaçasse o augusto enfermo, se fosse proclamado Imperador. Chegou-se a tractar da questão da Regencia; o Principe de Bismarck pedia para tal *interim*; o ministro da justiça, senhor Friedeberg, era contrario, e o Imperador Frederico III nomeou-o mais tarde, como um dos seus primeiros actos, alto membro da ordem da Aguiá negra.

A questão da Regencia vinha já do tempo do Imperador Guilherme I, e desde quando houve a convicção, ou pelo menos a persuasão da gravissima, *incuravel*, doença do Principe Imperial, presumptivo Imperador.

Morto Frederico III, subindo ao Throno Guilherme II, este Imperador lançou de su'alma e coração palavras dirigidas ao seu povo como as de um Principe, que reconhece «O Rei dos Reis» e deseja ser o Pai dos seus povos; *proclamação* de sentimento Religioso; e de *maschio vigore*, como disse um notavel escriptor de lingua italiana, Guilherme II, no seu discurso ou mensagem ás duas Camaras do Landtag prussiano, disse: «Sinto uma particular satisfação em ver como da legislação politico-religiosa tenham resultado relações, acceitaveis por ambas as partes, com o Cabeça da Igreja Catholica; me esforçarei, quanto couber em mim, por manter a paz religiosa.»

Certa *imprensa* tem-se *incommodado* com o *mysticismo* do Imperador Guilherme II em seus discursos; lamentavel *lamentação*, que desconhece o não ter a maioria dos allemães perdido a noção do *Supranatural*. Recebendo o novo Imperador o Borgomestre de Berlim, congratulou-se com este por a grande importancia da sua Capital, mas notou-lhe que faltavam n'esta *as grandes egrejas monumentaes!* Mais *mysticismo*, *senr.ª imprensa*; mas vá aprendendo. Guilherme II é um espirito religioso, que lhe ganhará «em Deus esperamos!» o *completo christianismo*; embora Elle tivesse tido por mestres *pastores (protestantes) racionalistas*.

Tem o Imperador um espirito elevado, um caracter independente, franco e aberto, vigoroso e resolutivo; é profundamente adverso á *Maçonaria*, que o deseja vêr pelas costas; e não só a

esta *Seita* como ás *Sociedades* que lhe sam allins. E assim negou-se resolutamente a ser o Protector da *Seita*. De aqui a má vontade que lhe mostramos *Sectarios*. A proposito; o Principe de Bismarck nunca pertenceu á *Maçonaria*. Guilherme II *Sard um príncipe grande*, diz aquelle alludido escriptor da Peninsula italiana, e assim nos parece. Não fará a guerra *para guerrear* ou engrandecer-se mais, mas saberá *sustentar a espada*; permita o Céu, que o Inferno lh'a tema sempre! Na Universidade de *Bonn* os *Lentes liberaes* não o puderam ganhar. Frederico III não chamou de novo o Senr. *won Puttkammer* ao cargo de ministro do *interior* ou reino; nomeou para este cargo o Senr. *Herrfurth*. Depois de ter cingido a coroa imperial o novo Imperador germanico já por duas vezes se dirigiu directamente por carta a Sua Santidade Leão XIII; primeiro agradecendo ao Soberano-Pontifice a Sua Missiva de pesames pela morte do Imperador Frederico III, e depois mostrando-se reconhecido pelas Letras de Sua Beatitude com que felicitava Guilherme II pelo Principe que a Imperatriz tinha dado á luz; ambas as cartas foram dignas de um Principe, endereçando-as ao Papa.

Compare-se um tal respeito com o *desrespeito* com que o *signor Crispi* tractou o Soberano-Pontifice *classificando-o* «O» de *Pretendente! Mazzini e Garibaldi* nunca ousaram *dizel-o*; e nem *sentil-o*, temos a certesa moral. A *degeneração* cresce de geração em geração de *revolucionarios*. Advogados e Medicos, mettidos em *má politica*, sam *dos peores*. Apraz-nos *retocar* tres circumstancias relativas ao passado Imperador de Allemanha Frederico III, que Deos lhe tomariam em conta! A paciencia notavel em sua tão dolorosa enfermidade; a modestia, com que dispôz o enterramento do seu cadaver; a homenagem prestada ás *Irmãs de Caridade*, representadas junto do seu leito de doença e morte, pela *Soror Edvige* (antes Princesa Radziwil) da *Congregação*, como fica dito, de S. Carlos Borromeu. Esta homenagem de um Imperador, e de vasto Imperio, ás *Congregações Religiosas* e em *specie* ás *Irmãs de Caridade* bem as *compensa* dos insultos dos *reptis*, e da *falsa advocacia* de *talentos* dados por Deos para *outros usos*; que pena temos *de elles!* Meditem!

Dom Antonio de Almeida.

Immortalidade d'alma de um irracional

Não julguem ser pãta. Uma folha cá do Brazil o affirmou cathogoricamente n'esta noticia:

«Morreu ha dias em Campinas a zebra que fazia parte da colleccção zoologica do Circo Anglo-Brazileiro, que esteve ultimamente n'esta cidade.

Pobre bicho! Paz á su'alma!» E' do *Diario de Santos*, provincia de S. Paulo.

Os darwinistas de ha muito que procuram um macaco sem rabo e com fallacia, e, ao que parece, vão tratando já de perscrutar se os irracionaes têm, ou não, alma immortal.

Eureka! Cá o bom do *Diario* já descobriu alma immortal na Zebra. D'outro modo seria um disparate collossal aquella «*Paz á su'alma*» desejada ao irracional que morreu em Campinas.

Fallando verdade é aonde pôde chegar o rebaixamento do nosso ser moral.

Pelo que parece, este senhor julga que a alma dos bichos é igual á sua.

Pois seu redactor do *Diario* de diabos (e não de Santos), guarde comsigo essa ruim nova: reserve a pilheria para dizel-a nos circos, e não se metta a estampar tal asneira n'um *Diario*.

A alma dos animaes irracionaes, como a define o *Diccionario Contemporaneo* é: principio vital, vida, animação. «A dos homens distingue-se da dos brutos, em ser capaz de aperfeiçoar muito mais suas faculdades, e na liberdade e immortalidade» (1).

Como o padre Antonio Vieira eu pergunto: Ou o animal era irracional ou não era. Se era como tinha alma immortal? E se tinha alma immortal como era irracional?

Logo foi uma tolice do *Diario* desejar paz á alma da Zebra. Mas só agora me lembro que o redactor da noticia, quizesse fazer rir um pouco os leitores do *Diario de Santos*. Se na realidade foi este o seu intento creia que o conseguiu. Ri-me muito e ainda continuarei a rir-me, mas unicamente por ver n'aquella «*Paz á su'alma*» a maior parvoice que meus olhos têm visto em letra redonda.

Trate d'outro officio, e deixe-se de rebaixar o que nós mais devemos dignificar: a nossa alma, o nosso ser moral, que é o que mais nos distingue dos brutos.

Recife.

Albino Morcira de Sousa.

(1) Diccionario de Moraes—pag. 106.

SECÇÃO LITTERARIA

O Monge e a Trindade

(LENDA)

I

No povoado bem longe
n'uma gruta à beira-mar,
vivia um austero monge
quasi sempre a jejuar.
Tinha só, por companheiras,
uma cruz, duas caveiras,
e passava horas inteiras
no Senhor a meditar.

De todo o mundo esquecido
aspirando à salvação,
juncto ao mar embravecido
do céu flava a amplidão.
A's vezes na pobre gruta,
aberta na rocha bruta,
das paixões fugindo à lucta
a Deus fazia oração.

II

Uma tarde. . . . eram serenas
as ondas d'aquelle mar,
que o zephyro vinha apenas
muito de manso beijar,
elle, que em Deus se extasia,
concebeu na phantasia,
que por força poderia
um mysterio penetrar!

O mysterio da Trindade
desejava comprehender,
sem que n'aquella verdade
elle deixasse de crer!
—Cuida tel-o comprehendido,
porem chóra commovido
e sente-se arrependido
do que deseja saber!—

Esquecer-se procurava
do mysterio, mas em vão,
por que de novo o assaltava
uma extranha tentação.
—Elle, que desde creança
não tivéra essa lembrança,
agora já não descança
na sua tribulação!—

III

Pára! E uma creancinha
viu sorrindo-se a brincar
e na areia uma covinha
viu, que ella esteve a formar.
—E o monge, com paço incerto,
caminhou. . . Viu-a de perto,
extranhando em tal dezerto
um tal vivente encontrar!—

E a creança era formosa,
qual poetica vizão!
Tinha as faces cõr de rósa;
nos olhos, terna expressão!
Tinha os membros delicados.
Tinha os cabellos dourados
e nos labios engraçados
a celeste animação!

E começa a creancinha
algumas gotas do mar
em transparente conchinha
para a covinha a levar.
E, agitando a mão de neve,
dizia: «O mar todo em breve
com esta conchinha leve
n'esta cova hei de encerrar»! . . .

E o monge muito sereno
lhe diz: «Pretendes em vão
n'esse logar tão pequeno
meter do mar a amplidão?
Tu como tal concebeste?
Pois logo não conheceste
ser loucura o que entendeste?»
—Responde a creança: «Não!

Não! Seria mais possivel
ali meter todo o mar,
do que ser-te comprehensivel
o que pretendes sondar!
Isto em ti é que é loucura,
pois á humana creatura
só pertence com fé pura
esse mysterio adorar!»—

IV

E, para o monge, fagueira
a creancinha surriu
e n'uma nuvem ligeira
à patria eterna subiu!
—Fica o monge meditando,
arrependido, chorando
e, humilde ao Senhor orando,
sõmente a morte pediu!

E logo a eterna morada
foi a sua alma transpôr,
onde por elle adorada
a Trindade é com fervor!
—E quem seria a creança,
que ao monge trouxe a bonança
e a fallar-lhe se abalança?—
Era um anjo do Senhor!!

Rangel de Quadros.

SECÇÃO ILLUSTRADA

No deserto

PARA nós, costumados aos com-
modos que a civilisação tem in-
ventado, achamos pouco o fres-
co que nos offerece o copado
arvoredo, os bosques frondentes
dos nossos campos e florestas, a

verde ramagem de amenos parques e
alamedas; não assim os viajantes que
são obrigados a percorrer os torridos
areaes de Africa, onde não encontram
um arroyo, onde não veem uma arvo-
re, onde não ha nada que os refrigere,
que lhe dê sombra se não a espaços
longos, de muitas em muitas leguas.

A nossa primeira gravura mostra-nos
uma caravana percorrendo o deserto,
ao chegar junto de uma palmeira gi-
gante, em volta da qual todos se agru-
pam, julgando-se felizes por haverem
encontrado um pouco de sombra de-
pois de tanto caminhar aos raios abra-
zadores do sol africano.

Carlos Magno

Occupa hoje um lugar de honra nas
paginas do *Progresso Catholico*, a figura
magentosa do grande imperador, do ca-
valleiro christão, do defensor da Egreja,
do typo puro do guerreiro da Eda-
de-media.

Carlos Magno, filho de Pepino, o pe-
queno, nasceu na Germania em 742 e
morreu em 814 em Aix-la-Chapelle.
Não tentaremos descrever o homem de
ferro, que abysmou o mundo com suas
façanhas guerreiras, e só o encarare-
mos como principe christão, como de-
fensor da Egreja. Para isso vamos
transcrever da *Historia Popular dos
Papas*, de que este Centro de propa-
ganda está fazendo 2.ª edição, um pe-
queno trecho, que mostra assaz o prin-
cipe catholico. Escolhamos a narração
feita pelo sabio escriptor francez, da
maneira como Carlos Magno castigou
Desiderio, principe italiano, inimigo do
Papa e da Egreja, e como defendeu
Adriano I, que então occupava a cadei-
ra de Pedro:

«Conheceu Desiderio que o novo Pa-
pa (Adriano I) não se deixava enganar
pelas suas bellas promessas; no entan-
to pensou em se alliar com elle contra
Carlos Magno e pedir-lhe sagraesse os
dois filhos de Carloman. Adriano não se
deixou illudir; os francos tinham reco-
nhecido Carlos Magno seu unico rei; não
devia pois, crear rivaes ao rei dos fran-
cos e sabia ser imprudente sacrificar a
amizade de Carlos Magno para ganhar a
protecção muito duvidosa d'um rei, que
pretendia assenhorear-se de toda a Ita-
lia. Então Desiderio enfureceu-se e des-
mascarou-se; invadiu o exarchado e mar-
chou contra Roma com os dois filhos
de Carloman, que só eram instrumen-
tos da sua ambição.

Adriano não se inquietou. Preveni-
ra-o Desiderio de que ia a Roma. «Se
o rei não restituir as cidades que pro-
metteu restituir, mandou-lhe dizer, e



CARLOS MAGNO

não nos fizer inteira justiça, é inútil que tenha o trabalho de vir; nada obterá de nós.» E preparou-se para defender Roma. Entretanto, Carlos Magno que acabava de vencer os saxonios e de alcançar para os missionarios permissão de pregarem entre elles o Evangelho, soubera o que se passava na Italia. Intimou Desiderio a *restituir ao Summo Pontifice os dominios de S. Pedro*. Desiderio prometeu e assegurou que estava feita a restituição; mas os enviados de Carlos Magno informaram-o de que o rei lombardo não fazia nada do que promettera. O filho de Pepino e neto de Carlos Martel não podia tolerar, que assim se faltasse à palavra, e, de mais, a causa de Adriano era a d'elle. Reuniu o seu exercito, atravessou os Alpes e cahiu sobre os lombardos, quando se pensava que ainda estaria nas montanhas. Um historiador contemporaneo, o monge de S. Gallo que escreveu o que lhe dictava o soldado Adalberto, testimunha ocular, pinta ao vivo o assombro causado pela desejada vinda do rei dos francos. Parecia, diz elle, interminavel floresta de lanças e espadas que avançava para Pavia. Quando as machinas de guerra, os batalhões dos grandes a cavallo, os bispos e abbades com seus estandartes, sobrepujavam aquella multidão compacta, os habitantes perguntavam das muralhas aos fugitivos: «Ja lá vem Carlos Magno?»

—Ainda não: respondiam estes.

Por fim, viu-se no horisonte uma nuvem e então appareceu Carlos Magno com elmo de ferro na cabeça, cobertas as mãos de manoplas de ferro, resguardado com o mesmo metal o peito, hombros e pernas, de lança erguida, apertando com os joelhos os ilhaes do corsel, que ia todo coberto de malha de ferro. Os grandes, que o seguiam, armados do mesmo modo, pareciam estatuas equestres. O sol, dando de chapa em todas aquellas armaduras, fazia-as luzir ao longe. Os lombardos ficaram regelados de medo e os fugitivos, immoveis e pallidos de terror, apenas tiveram tempo de dizer:

—La vem Carlos Magno!

Nada resistia ao terrivel conquistador. Pavia cahiu; Desiderio, feito prisioneiro, foi acabar santamente os seus dias, velando, orando e jejuando, no mosteiro de Corbia da França; seu filho Adalgiso fugiu para junto do imperador de Constantinopla e o reino dos lombardos deixou de existir (774). Carlos Magno pode então cingir a cabeça com a corôa de ferro de seus reis. Ainda antes da queda de Pavia, o rei dos francos fôra a Roma, onde foi recebido com acclamações do povo que exclamava: *Bemdito seja o que vem em nome do Senhor!* Era sabbado de alleluia, 2 de abril de 774. Carlos Magno

foi a pé à igreja de S. Pedro, onde o Papa o esperava com todo o seu clero; beijou humildemente os degraus da esca da basilica, depois abraçou o Papa, pegou-lhe na mão e entraram ambos juntos. No dia seguinte, domingo de Paschoa, o rei assistiu à missa, celebrada em Santa Maria Maior. Os dois dias seguintes foram também consagrados a cerimoniaes religiosas: só na quarta-feira se trataram negocios politicos. N'aquelle dia, foi Adriano conversar com Carlos Magno em S. Pedro e pediu-lhe confirmasse a doação feita n'outro tempo em Quierzy por seu pae e por elle. O rei confirmou-a de melhor vontade. Mandou lavar pelo seu capellão o auto de uma doação ou, melhor, *restituição*, muito maior que a de Pepino; em tal doação entregava para todo sempre à Santa Sé o exarchado de Ravena, a ilha de Corsega, as provincias de Arma, de Mantua, de Veneza e Istria, e os ducados de Spoleto e Benevento. Assignou esta doação pelo seu proprio punho, escrevendo o seu *monogramma* (1), e fel-a assignar pelos bispos, abbades, duques e condes, que o acompanhavam, e pol-a depois sobre o altar de S. Pedro, em seguida sobre a Confissão ou tumulo do Apostolo, e jurou com todos os chefes francos conservar à Santa Sé os Estados, que tão solemnemente lhe haviam sido *restituidos*.

Quizeramos transcrever todo o capitulo que se refere a Carlos Magno, para mostrarmos a nossos leitores como leve principio o poder temporal dos Papas; mas não temos espaço, e melhor é apontar a fonte onde se pôde estudar a questão. O que ahí fica mostra o imperador christão.

R.

SECÇÃO NECROLOGICA



oi fertil esta quinzena em noticias tristes para o «Progresso Catholico».

Em Guimarães falleceu o Ex.^{mo} Sr. Eugenio da Costa Vaz Vieira, cavalheiro respeitavel, catholico fervoroso, e de ha muito leitor

(1) Sabe-se que se chamava assim a firma composta de diversas letras, formando só uma.

da nossa Revista. Era novo ainda e ce- deu aos estragos de uma lesão cardiaca.

Associamo-nos á dor que ora opprime o coração da esposa e tia, a quem damos sentidos pezones, e rogamos a todos os nossos leitores suffraguem com suas preces a alma de tão bom catholico.

Da Regoa communicam-nos o passamento da Ex.^{ma} Snr.^a D. Maria Maxima de Mesquita, amiga e propagadora do «Progresso Catholico», e senhora de altas virtudes.

A toda a familia da finada senhora, e em especial a seu irmão o Ex.^{mo} Sr. Antonio Maximo de Mesquita, enviamos a expressão do nosso pesar, e com todos os nossos leitores dirigimos uma prece ao Altissimo para que tenha na eterna gloria a alma de quem na terra passou praticando o bem.

Mencionamos ainda o fallecimento dos seguintes assignantes da nossa Revista:

Rev.^{mo} Sr. Padre José Jorge Pinto, de S. Martinho do Campo—Vallongo.

Padre Manuel Antonio Dias, de Palmella.

Padre Antonio Joaquim da Silva, de Aveiro.

Ex.^{mo} Sr. Sebastião Homem de Sá, de Celorico da Beira.

A's familias doridas cumprimentamos por tão triste acontecimento, e aos nossos leitores pedimos as preces de todos por alma d'estes nossos irmãos, para que descancem no Senhor.

RETROSPECTO DA QUINZENA

STEVE alguns dias em Guimarães o venerando Prelado lamecense, Ex.^{mo} e R.^{mo} Sr. D. João Rebello Cardoso de Menezes, Arcebispo de Larissa. Hospedara-se no palacete dos nobres condes de Margaride, onde tivemos a honra de ser recebidos por S. Ex.^a R.^{ma} e de lhe beijar o sagrado anel.

Não podia, estando em Guimarães, esquecer-se, o virtuoso apostolo, das suas antigas filhas espirituaes, d'essa pleiade de heroínas que, agrupadas em volta da bandeira da Pia União das Filhas de Maria, tantos serviços prestam à Religião e à Sociedade. E não se esqueceu. O dia 16 foi o escolhido para uma festa toda espiritual, toda poesia, commovente, encantadora, porque nada

mais poetico, que mais commova e encantante, que ver as multidões prostradas aos pés dos altares, esquecidas de tudo o mais, para só se lembrarem de que estão ali á espera que o Pão dos fortes se reparta, que essa Fonte de graças inunde seus corações, alimentando-os para as luctas da vida.

Assim nós vimos ás 7 horas da manhã do dia 16, na egreja dos Santos Passos as Filhas de Maria aguardando a chegada do seu antigo director, que lhe promettera celebrar o santo Sacrificio, ministrar-lhe a Sagrada Communhão e dirigir-lhe a palavra do Senhor. E veio. Ás 8 horas chegava S. Ex.ª R.ª a porta do templo, onde era esperado pelo R.º Padre Lima, actual director das Filhas de Maria, e pelos R.ªs Prior de S. Paio e Padre Antonio Coutinho, sendo saudado ao entrar, pelo côro das Filhas de Maria que cantou, com acompanhamento de órgão, o psalmo—*Laudate Dominum omnes gentes*.

Chegado ao altar mór, e depois das orações do Ritual fez S. Ex.ª R.ª uma pratica ás Filhas de Maria, principiando por lhe recordar que ha vinte annos era Elle o seu director espiritual e que com ellas trabalhara na obra até hoje continuada com tanto fructo, e recomendando lhe muito que não afroixassem, que antes redobrassem de fervor, de enthusiasmo pela santa associação a que pertenciam, porque era ella fonte de todos os bens, manancial de todas as graças. S. Ex.ª R.ª foi eloquentissimo, mostrando durante mais de meia hora, em que teve presa dos labios a attenção do numerozo auditorio, que nem os muitos trabalhos, nem o peso do governo de uma Diocese, poderam afroixar o distincto orador, o antigo missionario.

Finda a pratica e emquanto S. Ex.ª R.ª se paramentava rompeu no côro o hymno das Filhas de Maria, pela vez primeira cantado, graça com que as filhas da Virgem SS. quizeram surpreender o seu antigo director.

Não podia ser melhor estreado, e, apesar do pouco tempo em que foi ensaiado, foi admiravelmente executado. o que não admira sabendo-se quem foi a ensaiadora, cujo nome aqui quizeramos deixar gravado, junto com o nosso reconhecimento, se não temeramos que ella nos ralhasse na primeira occasião.

Durante a missa fizeram-se ainda ouvir as vozes harmoniosas das Filhas de Maria, que formavam o côro—a Santos, cantando:—*Sanctus, Sanctus, Sanctus*; depois da elevação:—*Benedictus qui venit*; e emquanto se distribuia a sagrada Communhão:—*O Sacrum convivium*...

A Communhão foi numerosissima, podendo dizer-se que se approximaram

da sagrada Mesa mais de duzentas pessoas, não só Filhas de Maria, mas muitas outras pessoas, que ali tinham corrido para commungarem das mãos do Prelado digno. O templo estava repleto de fieis, e mais estaria ainda se muitas familias não se achassem n'esta occasião a banhos e no campo.

Finda a missa celebrou outra o R.º Snr. Padre Luiz Pereira da Silva Neves, exemplar sacerdote de Lamego, a quem assistiu S. Ex.ª R.ª, e depois, e emquanto a multidão se ajoelhava, formando duas alas em meio da egreja para beijar o anel de S. Ex.ª R.ª, foi de novo cantado o hymno das Filhas de Maria, já então escutado com mais attenção porque havia-se desfeito a impressão que a surpresa causara. Os nossos amigos, R.º Prior de Cuitra, auctor da letra, e R.º Padre Joaquim J. Soares, auctor da musica, podem estar orgulhosos pela boa estreia que teve o seu trabalho e pela feliz execução.

A maneira entusiasta e marcial como foi cantado desde a primeira quadra:

«Nós seguimos, da fé pelo sulco,
doceos germens do bem, a soltar!
Da virtude provemos ás menses,
que hão de, um dia, nos céos ondear!»

até á final do côro:

«A' estroada do bem, sorridentes,
oh corraínos, com aruias de luz!
Entre as bençãos clementes, da altura,
por Maria, eia, ávante, o Jesus!...»

deu-nos uma prova de que as cantoras, comprehendendo a ideia do auctor, manifestaram, ao cantar, a sua fé, o seu amor pela causa que tão denodadamente defendem: porque o hymno das Filhas de Maria, é a manifestação publica mais solemne da fé e do amor mais acrisolado pelas glorias do catholicismo.

Eram dez horas quando terminou tão formosa festa, retirando-se todos com a alma cheia de santas alegrias, com o coração a trasbordar de reconhecimento, bendizendo o virtuoso Prelado pela distincção com que tratara as Filhas de Maria, que são hoje olladas em Guimarães, como em toda a parte, ainda que a alguém pese, como os sustentáculos da fé e as promotoras de tudo quanto tende a elevar os espiritos até Deus.

Mais uma vez vos saudamos deste-midas filhas do Evangelho, e, no meio do enthusiasmo com que vos damos os parabens, repetimos comvosco:

«A' piedosa bandeira abraçadas,
eia, á lucta, dos céos pela Ideia!»

Em companhia de S. Ex.ª R.ª o Sr. Arcebispo de Larissa veio a Guimarães

o muito R.º Padre Luiz Pereira da Silva Neves, antigo amigo do *Progresso Catholico*, e a quem devemos muitos e importantes serviços prestados na Madeira, onde S. R.ª esteve ha annos. Estimamos, por isso, a visita de tão bondoso sacerdote, agradecendo mais uma vez seus serviços.

Por falta de espaço não publicamos hoje a mensagem que a peregrinação das Filhas de Maria apresentou ao Santo Padre, o que faremos no proximo n.º querendo Deus.

Um jornal protestante da Allemanha, a *Gazeta Universal da Egreja Luthera-na*, publica o seguinte para mostrar que o protestantismo caminha a gigantes passos para a communhão catholica:

«1.º Roma permanece sempre igual a si mesma. Sempre immovel e *immu-tavel* no meio dos reinos tão moveis d'este mundo. Roma mostra-se como um rochedo sobre o qual não passam nem as ondas turbulentas, nem as vicissitudes continuas que agitam os povos. Os seculos tem passado sobre este rochedo sem nunca poder abalal-o.

2.º A Egreja Romana repelle com uma força indestructivel e inflexivel todas as invasões dos poderes temporaes no campo que lhe pertence.

3.º Não obstante a vastidão das suas vistas e a liberdade que ella deixa aos seus membros, a Egreja romana não tolera entre elles a minina lucta pelo que diz respeito aos principios.

4.º Em quanto que quasi todos os governos temporaes já não podem contar senão com uma obediencia duvidosa da parte de seus subditos, em quanto que alguns d'elles, e até os mais poderosos, não vivem senão de dia para dia; o poder e a auctoridade de Roma é hoje ainda muito mais forte do que no passado. Em certas negociações de Roma com a Russia, a Inglaterra e a Allemanha, parece muitas vezes ouvir-se uma voz que clama: *Leão, ajuda-nos; nós sós pelas nossas mãos, não podemos arranjar os nossos negocios*.

5.º A Egreja romana tem uma serie iuteira de dogmas que attraem, e attraem não só o homem novo e avido de conhecimentos, mas mais ainda o *homem moderno* cançado de estudar todos os problemas scientificos, e ao qual não pode satisfazer a sciencia superficial do ultimo seculo. Estes dogmas reveladores são sobretudo a queda original, a justificação, os conselhos evangelicos, e o purgatorio.

6.º A Egreja romana attrahe o sentimento pelo seu *culto*, attrahe-o pelas obras de caridade, pelos serviços dos hospitaes, pela dedicação catholica que

não tem rival no mundo e que excita a admiração universal».

A Loja central da Franc-maçonaria de Madrid, enviou a todas as lojas de Hespanha uma circular, recommendando-lhes os seguintes pontos principaes da mesma:

«Que empregueis todos os esforços em fazer entrar nas nossas fileiras os mestres e as mestras d'instrução primaria, confiando-lhes, se for necessario, os direitos da iniciação;

«Que combataes sem tregua e sem piedade qualquer manifestação clerical ou jesuitica, como são os actos do culto publico, as escolas catholicas, as associações religiosas, litterarias, politicas, scientificas, formadas ou auxiliadas pelos inimigos do nosso O.º;

«Que não compreis nada absolutamente nas lojas e estabelecimentos que tem affixada sobre as portas a inscripção: *Não está aberto nos dias santificados*;

«Que não confieis os vossos filhos a alguma eschola religiosa, *ainda mesmo que os mestres sejam leigos*;

«Que recommendeis a todos os paes de familia as escholas leigas e os collegios leigos, e os institutos d'instrução, os quaes, sem ter um tal character declarado, são dirigidos pelos nossos l.ºs».

Bom e muito bom é que isto se saiba para que se possa responder a certos *ingenuos* que não veem na maçonaria nada mau; e bom é tambem isto saber-se para que, quando se veja terminar ou parar uma ideia qualquer, em principio bem recebida, se conhecer d'onde vem o mal—da imposição maçonica.

Na grandiosa egreja que se anda construindo em Paris, e que será dedicada ao SS. Coração de Jesus, tem-se gasto, em doze annos, 3:420 contos!

E' sobremodo admiravel como a França concorre espontanea para o grande monumento de Montmartre!

Ex.º Sr. Joaquim Martins de Carvalho. Tenho a honra de participar a V. Ex.ª, para que se digne juntar ás suas collecções, que o governo do Canadá deliberou, por unanimidade de votos, restituir à Companhia de Jesus todos os bens que lhe foram confiscados pelos inglezes em principios d'este seculo.

Emquanto que em Portugal se arrasam os monumentos que recordavam a existencia, em tempos idos, das Ordens religiosas, lá por fóra erguem-se monumentos aos frades, como se vê da seguinte noticia;

«No dia 23 foi inaugurada em Sorde-se a estatua do P.º Lacordaire, na presença dos Bispos d'Albi, de Cahors, e de Montpellier. O Cardeal Desprez, Arcebispo de Tolosa, não pôde assistir por motivo de saude mas mandou um seu representante. Notavam-se entre os assistentes numerosas deputações dos PP.ºs Lazaristas, Capuchinhos e d'outras ordens religiosas. Entre os seculares distinguiam-se Mr. De Belcastel e o Duque de Broglie que recitou um notavel discurso. O povo dos arredores enchia o parque do collegio de Sorde-se.»

Qual é o melhor catecismo:

Formulam esta pergunta muitas vezes o parochio, o professor de escola, o director de collegio, os paes christãos, etc., especialmente n'esta epocha em que um anno escolar finda e outro está prester a abrir.

Pois a nós parece-nos que mal se poderá encontrar um catecismo que reúna maiores vantagens que o

CATECISMO

da doutrina christã, composto para a diocese da Madeira e adoptado nas dioceses de Angra, Cabo Verde, Angola, etc.

Além da doutrina geral, bastante desenvolvida, não deixando de dizer o indispensavel a respeito da infallibilidade pontificia, leitura de Biblias protestantes, maçonaria, etc., contem este catecismo *um completo livro de missa, uma historia biblica resumida, a relação da Paixão de N. S. Jesus Christo, a explicação de todas as festas do anno, o modo de ajudar a missa e 67 canticos em portuguez e latim dos mais populares e piedosos.*

Apesar d'isto o catecismo custa cartonado em panno apenas 160 rs. Todas as perguntas mais importantes estão marcadas com uma cruz (X) e vendem-se em livrinho à parte por 20 reis, para o primeiro ensino de creanças.

Para os 67 canticos foi publicado à parte uma collecção de melodias, que encadernada custa 250 reis.

Foi tal a acceitação que este catecismo teve, que de dois em dois annos se tornou necessario publicar uma edição nova, sendo a actual a quinta, e foi tambem este catecismo que teve a honra de ser traduzido em tetum pelos missionarios portuguezes de Macau e Timor.

Assim recommenda-se a todas as pessoas que desejam adoptar algum bom catecismo para a doutrina christã, não fixar a sua escolha antes de ter examinado o catecismo sobredito.

Vende-se cartonado em panno pelo preço de 160 reis na Portaria do Seminario do Funchal, em Lisboa na casa

do Snr. José Franco de Souza, rua do Arco do Bandeira, 30—3.º, e em Guimarães na livraria Teixeira de Freitas.

Acresce o porte do correio.

Appareceu ha pouco annuciado nos jornaes das ruas um infamissimo e nojento pamphleto com o titulo—*O que é a missa*, feito por um pacovio que fugiu do gremio da Egreja para viver livremente com a amasia, e que dá pelo nome de Guilherme Dias.

Prevenimos nossos leitores para que estejam de atalaia, não vá entrar-lhe em casa tal immundicia. E como é bom que se saiba quem é o tal Guilherme Dias e o quanto valem os seus escriptos, recommendamos a todos um chicote de punho de ferro com que o Padre Senna Freitas o castigou, deixando-o, coitado! em misero estado. E' a *Critica d Critica*, um livrinho que custa 120 rs., que é bom ler-se e propagar-se. E para conhecer os protestantes em geral não é mau espalhar *Os vinte e cinco por cento! Aos cem disparates dos protestantes*, pelo Padre Rademaker.

Custa 50 rs., e quem comprar 10 paga só 250.

Alguns jornaes deram ha dias a noticia seguinte:

«*As pratas do templo dos Jeronimos*—Referem de Lisboa:

Parece que se ignora onde pára a cruz de prata que encimava o sacratio da igreja de Santa Maria de Belem. Consta tambem que outros objectos de prata de grande valor artistico e historico não apparecem nas grandes solemnidades religiosas, porque se não sabe onde elles existem.»

E' admiravel a innocencia com que se dizem cousas d'estas! *Não se sabe onde elles existem!* E' boa! E sabem os snrs. jornalistas onde existem carradas de preciosidades, que possuíam os conventos de Portugal espalhados por todo o reino?

Riquezas enormes, tudo desapareceu! E não se sabe para onde; só se o Snr. Joaquim das collecções o souber.

Dentro de um americano que ha dias subia a calçada de S. Sebastião da Pedreira, em Lisboa, iam dois ecclesiasticos.

Um passageiro republicano ia tambem. As mulas pegam-se e o carro pára. O republicano querendo fazer *espirito* diz:—não admira, vão aqui dois padres.

—Não é por isso, diz um dos padres, sem se alterar; é por que você não vae ali a puxar com as mulas.

Não tornará a ter graças o republicano.

J. de Freitas.